

Editorial

SUPORTE À
DEMOCRACIA

Não é possível avaliar com exatidão as consequências de uma paralisação total do país, mesmo que por apenas uma semana, por mais que se exercite a imaginação, sem que se incorra no risco de cometer grande erro de avaliação.

Se apenas uma cidade de porte médio viesse a interromper suas atividades por algumas horas, é certo que os impactos para sua população seriam enormes, sem falar em perdas irreparáveis com a suspensão do abastecimento de energia a hospitais e a outros setores vitais.

As greves no setor público, de modo geral, têm sido a tônica de muitos anos no país e sempre deixam um rastro de prejuízos, com o represamento de serviços, a exemplo da concessão de benefícios por parte do INSS.

Essas reflexões são feitas rotineiramente pelo cidadão quando tem notícia de novas ameaças de interrupção, como ocorre agora, no caso dos trabalhos dos congressistas, sempre ávidos por empurrar com a barriga votações de interesse popular.

Quando não promovem a suspensão de sessões deliberativas, deixando de dar quórum em plenário, em uma espécie de sabotagem, protelam decisões importantes com discursos infundáveis e as chamadas “questões de ordem”.

É isso que está para ocorrer em breve, na Câmara dos Deputados, depois do “recesso branco” de julho, quando a pauta de votações foi posta de lado. Para setembro, já se antecipa, a única pauta prevista para o plenário é o processo de cassação do deputado afastado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), marcado para o dia 12 próximo.

Cunha já deveria ter sido expurgado há muito tempo da vida pública, caso os parlamentares estivessem comprometidos com o combate à corrupção, sintonizados com o anseio da população. Com o país mergulhado na crise e o fantasma do desemprego a assombrar, o Congresso retarda o encaminhamento das reformas necessárias à retomada do crescimento. Mas é bom que esteja aberto para dar suporte à democracia.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

HYPOLITO E NORY
FATURARAM PRATA E
BRONZE NA RIO 2016!
MAS AS NOTAS
QUE ELES RECEBERAM
NÃO DARIAM MEDALHAS
EM PEQUIM 2012!



ARTHUR ZANETTI
GANHOU A PRATA
NAS ARGOLAS!
NA VERDADE,
ELE PERDEU
O OURO!



Duke

BOLT É
TRICAMPEÃO
OLÍMPICO!
MAS O TEMPO QUE
ELE FEZ TAMBÉM NÃO
DARIA O OURO NAS
ÚLTIMAS OLIMPÍADAS!



VOCÊ TRABALHA EM ALGUM
VEÍCULO DA GRANDE MÍDIA OU
É SÓ NEGATIVISMO MESMO?



DUKE

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

“Vidas Trocadas: Memórias de
Médicas” tem o SUS como cenário

Romance tem a construção do SUS como cenário

Compartilho o ponto final de mais um romance que escrevi e seguiu para o prelo. É o “Vidas Trocadas: Memórias de Médicas...”, que tem a construção do Sistema Único de Saúde (SUS) como cenário e as peijas de duas “médicas de aldeia”, a avó e a neta, durante quase um século fazendo medicina nas brechas, saga iniciada quando a saúde ainda não era direito de todos nem dever do Estado, como diz a protagonista dr^a. Dália: “Nunca foi fácil fazer chegar medicina aos pobres”.

Não fizeram só medicina. Participaram da luta pela construção da saúde pública no país. Amaram. Sofreram. Constituíram família. São mulheres libertárias e hedonistas que se pautam na vida pessoal pelo que disse Alfred Kinsey (1894-1956): “Ninfomaniaco é alguém que faz mais sexo do que você”.

A dr^a. Dália se formou em 1945 na Faculdade Nacional de Medicina, hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi contemporânea de três figuras de destaque na medicina e na política maranhenses: Antônio Jorge Dino (1913-1976) e José Duailibi Murad (1920-2011), formados em 1940; e Maria José Camargo Aragão, a célebre Maria Aragão (1910-1991), que passou no vestibular em 1935, mas só concluiu o curso em 1942! Então, no romance são quatro vidas que se cruzam, porém cada uma optou por exercer a medicina e fazer política de modos distintos!

A dr^a. Dália diz: “Todo o meu fazer médico, tudo o que fiz até hoje aqui, é política! Sempre fiz política. Votava em quem achava menos pior! Desde que aqui cheguei não houve um candi-

dato a governador, a senador, a deputado e a prefeito que não fez uma visitinha à dr^a. Dália!”. Nunca declarou seu voto. Na eleição de Sarney a governador, 1965, anulou o voto!

Dália de Lourdes, a neta, médica gineco-obstetra, sobre a avó, a dr^a. Dália: “Era 1998. A dr^a. Dália, com 78 anos, formada em 1945, chegou a Santana do Riachão em 1948, aos 28 anos. Foi a primeira médica da cidade e da região, pau para toda obra, competência chegou ali e fez morada: atendia crianças, adultos, fazia parto, cesariana e cirurgias ginecoló-

“O Samaritano não deixa ninguém morrer em sua porta por falta de dinheiro! A ordem é colocar pra dentro.”

gicas, principalmente as que ela chamava de ‘perereca suja’ (DIP, Doença Inflamatória Pélvica). Gineco-obstetra de formação. Meu avó, o dr. Celso, cirurgião geral e parteiro (aprendeu com minha avó), chegou após a vovó. E partiu bem antes dela, morreu há muito tempo. (...).

“Foi médica de um posto de saúde até se aposentar, sem nunca ter faltado um dia. E dizia: ‘Sou médica da prefeitura 20 horas semanais, que cumpro religiosamente’. Do hospital recebia pelas consultas, internações, partos e cirurgias de ‘pererecas sujas’ que fazia; e um pró-labore como diretora, 5% mensais do lucro”.

1998: “O Samaritano é hospital privado de médio porte que também se sus-

tenta de convênios médicos. Dos seus 80 leitos, metade conveniada com o Sistema Único de Saúde (SUS). Tendo 40 pacientes internados pelo SUS, encerrou. Não há mais vagas.

“Em tese, como ela diz, porque o Samaritano não deixa ninguém morrer em sua porta por falta de dinheiro! A ordem é colocar pra dentro. Partos são emergências e são sempre atendidos. Receber pelo serviço prestado é uma encrenca, a depender do prefeito de plantão. Acabam pagando, como diz vovó: ‘Prefeito aqui é quem me deve favor; eu não devo nada a prefeito; e nem tenho obrigação de sustentá-lo!’

“Perguntei à vovó se o hospital poderia deixar de atender SUS. Disse-me que sim, mas ela tem compromisso com o povo da cidade que lhe deu tudo o que tem na vida. Então, é não! Que o Samaritano sempre vai atender SUS porque ela não vai deixar seu povo ao deus-dará!”.

